



O CÃO E OS CALUANDAS: UM ELOGIO À LOUCURA?

CARVALHO, Manuella Pereira¹; MANDAGARA MARTINS, Aulus²

¹Bolsista do Programa de Iniciação Científica BIC-FAPERGS; Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa – FL/UFPEL. manu22ke@yahoo.com.br

²Doutor em Letras. Professor do Departamento de Letras Vernáculas/ FL

1. INTRODUÇÃO

Bakhtin legitima o riso na literatura (antes entendido apenas como um traço das expressões literárias populares ou de gêneros menores) tanto como traço estilístico-formal quanto ideológico. A partir dessa perspectiva, o riso é percebido como um fenômeno cultural complexo e que não pode ser reduzido a uma simples categoria de “textos menores”. Inclusive os próprios antigos já denominavam este campo literário como “campo do cômico-sério”, em que se incluíam o “diálogo de Sócrates”, os simpósios, a poesia bucólica, a sátira menipéia e alguns outros gêneros. Além disso, é difícil situar seus limites precisamente, entretanto, os antigos o colocavam em oposição aos gêneros sérios como a epopéia, a tragédia, a retórica clássica, entre outros, por não perceberem a originalidade das produções marcadas pela presença do riso.

O campo do cômico-sério possui características particulares, como uma profunda relação com o *folclore carnavalesco*, impregnando-se, pois, de uma *cosmovisão carnavalesca* que lhe permite colocar a imagem e a palavra em uma relação especial, distinta com a que se verifica nos textos “sérios” ou “elevados”. Os gêneros que integram o campo do cômico-sério possuem peculiaridades exteriores decorrentes da influência da cosmovisão carnavalesca, tendo em vista que essa visão “é dotada de uma poderosa força vivificante e transformadora e de uma vitalidade indestrutível” (BAKHTIN, 1981), o que garante a permanência das características carnavalescas na literatura de todos os tempos, bem como a pertinência desse traço na produção literária para além das manifestações populares ou folclóricas.

Focalizou-se, dentre os gêneros do campo do cômico-sério, a sátira menipéia, que possui suas raízes diretamente ligadas ao folclore carnavalesco. Na literatura dos tempos modernos, a menipéia é uma das marcas predominantes da carnavalização. Segundo Bakhtin *literatura carnalizada* é aquela “que direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, sofreu a influência de diferentes modalidades do folclore carnavalesco (antigo ou medieval)” (BAKHTIN, 1981). Desse modo, é importante salientar que o carnaval, no sentido de todas as variadas festividades, dos ritos e formas de tipo carnavalesco, não é, efetivamente, um fenômeno literário. Ademais, ainda há uma questão a ser analisada: a natureza carnavalesca da paródia, elemento inseparável da sátira menipéia.

Observou-se que a literatura emergente dos países de língua oficial portuguesa (PALOP), possivelmente retoma o riso na perspectiva assinalada. O escritor angolano Pepetela é um dos autores em cujo projeto literário o cômico ocupa uma posição central, configurando, assim, um diálogo intertextual tanto com a tradição literária ocidental quanto com outras obras do incipiente cânone africano de língua portuguesa. A hipótese com a qual se trabalha é que o riso é o elemento que propicia aos escritores africanos, de um lado, a inserção em determinada tradição literária e, por outro, a construção de um discurso fortemente marcado pela crítica social e política. Em *O cão e os caluandas* (1985), Pepetela utiliza-se do riso nas perspectivas assinaladas: ao aderir à tradição clássica, rompe com a tradição literária portuguesa (e colonialista), e, ao se utilizar do riso, constrói uma crítica social que, ao mesmo tempo, denuncia a situação política pós-independência e protege ideologicamente, através das máscaras do burlesco e de estratégias narrativas carnavalizadas, o ex-Ministro da Educação da República de Angola.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizadas duas obras do autor russo Mikhail Bakhtin para que se obtivesse uma melhor compreensão das teorias e conceitos, os quais foram mobilizados para a análise textual da obra do escritor angolano Pepetela em sua obra *O cão e os caluandas*.

Aliado a isso, utilizou-se também um referencial teórico, que discutiu questões históricas acerca da colonização africana e seu caótico pós-independência, tendo em vista que todos esses elementos repercutiram de forma incisiva na obra de Pepetela. Ademais, foram analisados diferentes textos, os quais já vêm tratando da questão do riso produzido por essa literatura, considerada, ainda, emergente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O violento período de colonização que a África vivenciou por cinco séculos, e, depois a revelação de um caótico pós-independência, carregado de explorações e corrupções, motivaram Pepetela a utilizar-se do humor, para retratar os problemas enfrentados pela jovem nação angolana. Não só o caos, acima mencionado, motivaria Pepetela a valer-se do cômico, pois sua posição de Ministro da Educação o colocava em uma posição um tanto quanto desconfortável frente às questões político-sociais, as quais são assinaladas explícita e implicitamente em *O cão e os caluandas*. Sendo assim, por meio dos recursos do cômico, o escritor conseguiria manter certo “distanciamento crítico” sobre o exposto na obra em que se evidencia uma crítica mordaz as estruturas sociais vigentes. Marcadamente, a obra é construída com vários tipos de gêneros narrativos, que juntos reconstróem e dão várias vozes a diversas personagens (aqui se percebe a polifonia, conceito já legitimado por Bakhtin), que narram as andanças do cão pastor-alemão pela cidade de Luanda e entre seus habitantes. Acresça-se a isso, que esses inúmeros gêneros, os quais compõem a obra como: peça de teatro, carta, ata, notícia de jornal, etc. revelam, assim, o quão conturbada e (des)organizada encontrava-se Luanda. É importante dizer que ao se misturar os gêneros ou ao intercalá-los manifesta-se o traço mais evidente da tradição luciânica, a qual foi explicitada por Bakhtin no âmbito da literatura carnavalizada. Neste sentido, reforça-se, a hipótese de Pepetela

dialogar com a tradição clássica. Outro ponto interessante analisado foi a posição ocupada pelo “autor”, no paratexto intitulado “Aviso ao leitor”, tendo em vista que, ele se posiciona no ano de 2002, em uma cidade mítica denominada Calpe, dizendo que as cenas narradas passaram-se no ano de 1980. É preciso salientar que a obra *O cão e os caluandas* teve sua primeira publicação no ano de 1985. Com efeito, há um distanciamento do narrador acerca dos fatos narrados e, com isso, apresenta-se outra característica da tradição luciânica, o distanciamento do narrador. Ademais, o narrador ao colocar-se em um espaço mítico, misterioso, o qual está projetado no futuro, revela mais uma característica da sátira menipéia, que é a “utopia social”.

Um dos contos já analisado “Carnaval com Kianda” reconstrói espaços, os quais tornam-se públicos, onde ocorrem as ações carnavalizadas, já assinaladas por Bakhtin, em que ocorre a livre expressão do povo em uma das festas mais populares, o carnaval, acrescido de uma missa acontecendo, simultaneamente, com a manifestação popular. O conto atinge seu ápice quando o cão se integra aos demais participantes da missa, rompendo com a concentração das pessoas e, principalmente, do padre, promovendo, então, um rompimento, uma inversão da ordem, pois o cão torna-se o centro das atenções. Além disso, no momento da realização dos desfiles carnavalescos, o cão, faz com que ocorra um rebaixamento dos grupos que tratavam de questões políticas e que eram dominantes, para o levantamento do grupo carnavalesco mais simples, mas que cantava o ritmo do mar, a valorização da natureza angolana. Nesse sentido, parece claro o recurso do cômico utilizado por Pepetela, para promover uma desordem acerca de assuntos ligados à religião e as festas populares, e, esse recurso do cômico, produzido pela formação dessas imagens carnavalizadas, em que, há um rebaixamento, uma inversão de poderes, está relacionado com uma das peculiaridades da carnavalização, acrescido, também, de características da sátira menipéia, em que as situações expressas por essas ações do cão são justificadas e motivadas por seu caráter ideológico.

Outro ponto da obra previamente analisado é a peça teatral “Elogio da Ignorância”, que claramente, evidencia-se como uma paródia ao texto *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam. Nesta, o próprio apresentador da peça tece um comentário relevante: “Qualquer semelhança de idéia, conotada ou denotada, com Erasmo é pura maledicência e vontade de queimar os autores-atores, isto é, vocês.” (PEPETELA, 2002). A referida peça teatral faz uma crítica ao sistema político, ao contar a insatisfação dos atores para com o apresentador, que pensa em si e não no coletivo. Nesse texto, Pepetela mobilizaria o aspecto da paródia, que é um elemento inseparável da sátira menipéia, ao parodiar Erasmo. A peça revela traços de ideologias individualistas, carregadas de uma intensa ironia sobre a questão da abordagem do coletivo *versus* individual, promovendo assim, sua crítica por meio do cômico-sério.

4. CONCLUSÕES

Sinteticamente, pode-se afirmar que a obra *O cão e os caluandas* é permeada tanto em seu discurso quanto em sua estrutura por uma linguagem carregada de passagens irônicas, as quais, por vezes, deixam o leitor confuso em relação a veracidade dos fatos. Além disso, Pepetela ao mobilizar aspectos do cômico em sua obra, os quais estão em interação com os distintos gêneros referentes ao riso, dialoga com a tradição clássica.

Ademais, ele consegue manter um relativo distanciamento crítico da obra, reforçando sempre, que a mesma é uma mordaz crítica ao sistema político-social instaurado no período de pós-independência, pelo fato de que Pepetela ocupava o cargo de Ministro da Educação de Angola no período dos fatos narrados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. p.87-155.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PEPETELA. **O cão e os caluandas**. Lisboa: Dom Quixote, 2002

SALGADO, Maria Teresa. A presença do cômico nas literaturas africanas de língua portuguesa. In:___ **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Ângela Vaz Leão (Org.). Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p.101-136.

TUTIKIAN, Jane. A identidade sob nova face: globalização, pós-colonialismo e hibridismo. Velhas nova identidades; o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.